

HISTÓRIA E CULTURA DE MASSA

Luciara Silveira de Aragão e Frota*

RESUMO

A multiplicidade das obras literárias e científicas e o excesso de informações da Cultura de Massa levam o Historiador à necessidade de apurar a crítica como auxiliar na evolução de um processo fidedigno de avaliação. Processo destinado a mensurar não só a sua produção e a que lhe chega às mãos, na crítica imprescindível à preservação da dignidade de sua tarefa. Como leitor ou como estudioso, faz parte de seu mister a análise do seu tempo e do seu momento, como forma de inserir-se adequadamente ao momento histórico vivido, utilizando o ato crítico que convoca o mesmo uso dos processos mentais do ato de criação. A Cultura de Massa, nossa contemporânea trás certa complexidade e certa perplexidade, mas, não nos esqueçamos, a busca da verdade histórica parte do resgate da evidência como ponto básico e referencial. Palavras-chave: História; Teoria da História; Cultura de Massa; Crítica Histórica.

A crítica científica, literária e do pensamento, é indispensável aos estudiosos e pensadores. Faz-se impossível disseminar idéias sem os meios de aferição da eficácia, ou não, do seu curso. A Crítica é, pois, uma referência externa e indispensável que retira do isolamento a produção individual e a grupal.

No caso específico do historiador, ela pode ajudá-lo a não repetir erros anteriores, renovando, reavaliando e aferindo, a cada dia, os resultados das suas pesquisas anteriores e da produção de outrem, produzindo resultados em livros e artigos da especialidade. A necessidade da crítica atinge, assim, tanto os escritores e produtores da história, como os leitores de suas obras.

Modernamente, a crítica vê-se às voltas com o resultado de enorme variedade de obras, gostos e pessoas, que viram as páginas dos mais variados livros e revistas. O leitor potencial da história poderá dispor de teses e outro material especializado, além de toda uma produção advinda do interesse por temas históricos via Internet, e de outros meios da Cultura de Massa.

É o caso das obras de ficção, mui especialmente, àquelas vinculadas a temas bíblicos e à História Antiga e Medieval. Deve-se estar atento às infundáveis fontes que ela gera, para o mister do historiador, buscando-se separar imaginação e realidade. O acesso mais fácil à impressão dos resultados tornou a imprensa um veículo pronto a transmitir qualquer mensagem, até o livro, seu produto final, apto a qualquer conteúdo sob quaisquer influências ideológicas.

* Historiadora, Jornalista e Analista de Política Internacional; Integrante do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade da PUC SP (NEHSC – PUCSP).

Entre o historiador e seu público – incluso o dos meios eletrônicos de comunicação – a crítica é importante auxiliar na evolução de um processo fidedigno de avaliação para aferir a distância percorrida entre a escolha do tema e a publicação, preservando a dignidade da sua tarefa. Todos conhecemos as dificuldades da impressão de um livro.

Problemas que vão do descaso das gráficas com os originais, a falta de bons revisores, as demoras e os caprichos na pontualidade dos compromissos e, ainda, o fato das publicações estarem sujeitas mais aos ventos mercadológicos, do que às sólidas e imparciais apreciações de qualidade.

As estimativas de venda, a comercialização, e principalmente a distribuição levam à disputa do valor como notícia e da atenção do leitor. Decerto, o historiador não sofre as mesmas pressões dos contistas e romancistas, sobre o ser ou parecer na sua vida privada com os personagens de seus livros. Todavia, alguns historiadores e estudiosos das Ciências Humanas e Sociais buscam respostas e elegem temas, na expectativa do caráter de publicidade e estimativa impactante de sua obra.

Temos, por exemplo, os livros anedóticos de História do Brasil desprestigiando figuras da Monarquia, como Dom Pedro I e Dom João VI, com mais perspectivas de divulgação em programas de TV, sejam de muita ou pouca audiência, do que aqueles que tratam de temas mais sérios e relevantes.

Alguns outros livros chegarão às bibliotecas, obterão prêmios, enquanto outros não serão impressos, e ainda outros se limitarão aos balcões de saldos das editoras e livrarias. Nos lançamentos, surgem os primeiros julgamentos e eles podem ser mais espontâneos e importantes do que o conteúdo final da análise de alguns críticos, que fazem as críticas – dependendo da importância do autor – para serem eles próprios noticiados.

Atualmente, na maior parte das vezes, os procedimentos que norteiam as escolhas na área de História pelos que as escrevem, e pelos que as lêem, são similares às escolhas e gostos da Cultura de Massa.

O próprio profissional da história, assim como outros profissionais fora de seus campos de estudo, é um leitor a mais, um estudioso como tantos outros. No caso, alguns historiadores dos anos 40 e 50 do século passado apresentaram um padrão crítico não muito alto. Solicitados a escolherem os trabalhos mais significativos das três últimas décadas antecedentes, não demonstraram capacidade “*de reconhecer títulos que não*

haviam recebido aclamação geral que se distingue da aclamação erudita” (CAUGHEY, 1952).

Acrescente-se o fato da maioria dos periódicos onde os trabalhos se inserem serem publicações dos associados e associações que se inclinam a favores sem garantia de competência, rendidos no altar das “*igrejinhas*”.

Vê-se, portanto, que o pior não é a falta de crítica aos livros ruins, mas aos bons livros, que ficam sem o necessário reconhecimento. Não serão alguns desses aspectos, aqui elencados, um dos sintomas da influência sobre os historiadores contemporâneos da esmagadora cultura da massa?

A cultura de massa compromete-se com o ritmo e a história em movimento. Exaltando valores individuais como felicidade, amor, beleza e auto-realização. É estimulada pela sociedade de consumo, independente da ideologia política oficial.

O ritmo marcante da atualidade da cultura de massa vai desde a alimentação dos novos deuses olímpicos, como membros de famílias reais, figuras do jet set internacional estrelas, e astros de cinema e TV, todos mortais, como qualquer um de nós, as contradições e inversões que estão na base dessa mitologia do indivíduo dos séculos XX e XXI.

Dela estão ausentes, porém, as revelações e cosmogonia, ritos e cultos. Mais além, são incapazes de suprir a destituição parcial dos valores, como família e pátria, incapacitando-se de apreender o sentido do Estado, nação, religião, reais vivências humanas. Diferentemente da história, a cultura de massa desconhece estruturas sociais e participações coletivas, mas, vem se revelando incapaz de neutralizar os freios do Estado e da religião.

No seu labor, o historiador pode trabalhar o real e estimular o imaginário, quando, por exemplo, tenta evocar aromas, gostos e sons na sua reconstituição da vida tribal primitiva, ou, quando se inclina em estudos de interesses da história da vida privada, onde se trabalham tantas emoções humanas, e é de tanto agrado da “*História Nova*”. A cultura de massa, contudo, traça com o real e o imaginário uma união íntima, porque realista embebida pelas “*necessidades de padrão social, luxo e prestígio*”. (MORIN, 1972, p.169).

Ela é geradora de uma vasta riqueza de fontes para os historiadores e outros estudiosos, principalmente para aqueles preocupados com a “*história das mentalidades*”. Isto porque, a cultura de massa estimula a verificação de fenômenos contraditórios, tais como, as conseqüências diversas dos processos de projeção, identificação e imitação. De

um lado, vale estudar a oferta de felicidade na terra, a adaptação, mesmo de fora aos circuitos consumidores e dos padrões individualistas, do outro – os inadaptados, revoltados, incorporados em gangs, crimes de aluguel e drogas.

O desenvolvimento econômico social e as aspirações ao bem-estar e à felicidade estabelecem, assim, uma dialética pobre e perturbadora, num grande desafio de ruptura de embrulho de vasto conteúdo não só para os historiadores, mas para todos os estudiosos das ciências humanas e sociais.

Não se trata, no caso, de distinguir ciências com zonas de aplicação bem demarcadas, pois seu objeto de estudo é o mesmo: são os homens, é o homem nascedouro de todas as coisas singulares e plurais.

Advinda do desenvolvimento técnico, industrial e capitalista, estas sociedades mais evoluídas, as capitalistas, a cultura de massa – via de uma dialetização das relações entre conteúdos da civilização burguesa e o próprio sistema técnico-industrial – suscitam a indução de correntes dentro dos processos globais.

Para falarmos disso, vale lembrar que a técnica individualiza, mas, assim como as sociedades arcaicas estavam cercadas de fantasmas, espíritos, sócias onipresentes, também nós civilizados, do século XXI, vivemos num universo em que a técnica ressuscita essa magia antiga. É, portanto, a técnica que permite o reencontro dos gestos da humanidade primitiva. (MORIN, 1972, p.169).

A recuperação do passado perdido pela parte lúdica de via tecnizada, inerente ao lazer moderno, caminha, assim, no mesmo sentido da cultura de massa. Dá-se, aí, uma duplicidade de como viver e, mais ainda, como não viver no mundo tecnizado. Técnica e contratécnica poder-se-ia dizer. (TASTA, 1961).

Uma objetividade técnica correspondendo a uma afirmação do homem, sujeito à história. A relação do mundo objetivo – homem subjetivo gerou uma contradição dialética simultânea entre homem e objeto no mundo tecnizado donde a mescla objetivação e subjetivação na vida pessoal aumentaram o individualismo.

Decerto, seria impossível prever, na primeira metade do século XX, o individualismo maciço, e muito pouco concebível que o mundo capitalista, voltado para o mundo material, permitisse ao mesmo tempo, estimular a vida interior e subjetiva.

Decompor a cultura de massa e os seus laços com o homem. Ao tema cabem muitas versões e estudos que deverão ser retomados mais tarde, reavaliados, em seu conjunto para que se lhes confira nova validade.

No caso, essa generalização e transformação do homem, dá-se a partir dos padrões de consumo. Enquanto o pequeno burguês foi tolhido pela religião e pela moral, o anseio de satisfazer todos os desejos é dirigido pelo consumo. É dessa paixão pelo consumo o que mais distancia o homem de hoje daquele da sociedade tradicional, quando a preocupação pela subsistência levava aos esforços para assegurá-la para só em seguida, tratar-se do processo de acumulação doméstica.

O final do séc XX assistiu a substituição da tendência acumulativa pela tendência de absorver, comprar. As vendas, os cartões-de-crédito, os vários tipos de seguro desembocam no homem consumidor. As palavras de ordem são “*lazer*”, “*qualidade de vida*”, direcionados pela “*qualidade total*” das empresas.

Observe-se que o historiador presencia a valorização excessiva do presente. Além disso, terá que analisar o fenômeno do homem distanciado cada vez mais do seu passado. Dá-se como um abandono de antigos valores, normas e transcendências repudiadas pelo advento de um futuro em ritmo acelerado. Ora, estará o homem a se privar do passado, privando-se também do futuro?

A carta das grandes perspectivas de progresso, a alteração de noções políticas, como a soberania clássica em nome da governança global, parecem fazer recuar ante os riscos do futuro. Curiosamente, o Estado rege as relações com o passado e o futuro, enquanto o indivíduo justifica-se no resgate do presente.

O historiador do nosso tempo vê-se às voltas com a visão do desmoronamento de corpos intermediários como família e classes sociais, acrescido ao super-individualismo que se aglomera no conceito de massa afastado das noções de poder e Estado num desenraizamento com respeito ao passado. A vida em sociedade, os grupos sociais, a força da História vê-se a frente com uma contribuição “*nova*” de cultura de massa: a participação do presente no mundo. (MORIN, 1972, p.177).

No mundo em transformação o homem aceita, mas não assume sua natureza passageira, atomizando o tempo e o indivíduo. Mas, de forma positiva, prevalece nele o sentimento que de que é preciso buscar a verdade e o sentido nas manifestações e aparências. Na sua perspectiva interior, tenta uma inovação relativa ao espaço-tempo, um

tipo de participação no “*sendo*” e no dever do mundo, ao mesmo tempo em que ser percebe o tênue aflorar de um sentimento uno do individualismo de cada um.

Aderindo a vários e múltiplos processos evolutivos, a cultura de massa ratifica o homem em permanente mutação. O seu desenvolvimento segue um curso conturbado e frágil enquanto prega a mitologia da felicidade e a filosofia da segurança.

Podem-se pensar as influências dessas correntes referidas no conjunto da vida humana como uma pergunta concreta que se pode propor para explicar mudanças na atual economia e outra, a social e econômica, que concepção de História melhor responde a tais indagações. Onde, então a chave para decifrá-la?

Decerto, muitos historiadores se mostrarão relutantes, ou até se sentirão incapazes no necessário exercício da faculdade crítica. Serão, sem dúvida, tentados a ascender ao pico das inflamadas discussões e interpretações como meros atores. Preferindo a tanto, por ser mais cômodo o dar-se ao emprego de toda a paciência, muitas diligências, e certo, e inevitavelmente, a alguns equívocos e alguns erros.

Uma vez que, cada um deles, tem direito ao seu ponto de vista e as questões colocadas poderão ser vistas por múltiplas facetas, cabe à crítica colocar o tema trabalhado na categoria correspondente. Parto da idéia de que “*um ato de crítica convoca os mesmos processos mentais de um ato de criação*”, daí porque a dificuldade de enquadrar as escolhas dos temas e a forma de trabalhá-los até o seu produto final. (HANDLIN, s.d.)

Creio que a contemporaneidade com a cultura de massa traz complexidade e certa perplexidade, mas, como nos ensina Handlin¹,

os indivíduos e os acidentes só muito ligeiramente influenciam a evolução de instituições tão poderosas como a família monogâmica, o pequeno fazendeiro, a igreja congregacionista ou a república democrática; e os desenvolvimentos ocorridos em períodos muito longos – a industrialização, a imigração, o racionalismo e o romantismo – fazem desvios apenas ligeiros em resposta aos acidentes específicos no trajeto. (HANDLIN, s.d., p.105).

Assim, “*a crítica histórica deve aclarar as escolhas, mas a verdade perseguida é tão somente a correspondência de uma representação com o seu objeto*”. (HANDLIN, s.d., p.129).

Diferentemente do filósofo, o historiador organiza as evidências de atividades nas quais o elemento irracional tem ampla participação. Não se pode esquecer que em obras de

¹ Oscar Handlin, um dos mais respeitados dos historiadores dos EUA, notabilizou-se por sua contribuição na Metodologia e Teoria da História. Infelizmente, seu livro magnífico, *A Verdade na História*, traduzido para o Português, não alcançou a notoriedade merecida. (N. A.)

pesquisa histórica o produto resultará das evidências em si mesmas, e daquilo que o escritor e o leitor tomem como possível, concluam e acreditem.

A evidência é ultra-perecível por definição, qualquer vestígio dela acelera todos os instrumentos de medida e aguça as possibilidades de sublimação das hipóteses.

É preciso conferir nessa discussão, grande ou pequena, de restos de concretude, silogismos e situações que nos chegam às mãos. Todas elas devem ter características apropriadas, pois é o que chegou até nós.

Em resumo, há que se escolher a evidência como guia e estímulo. Cada partícula dela contém um pouco de quem a fez e a criou. A compreensão dela é a resposta que gera o poder de empatia, que “*comunica uma qualidade sinérgica à evidência, de modo que as partes..., uma vez montadas com um todo florescem para a vida*”. (HANDLIN, s.d., p.129).

A certeza do historiador será a certeza de exaustão da evidência, independentemente do termo escolhido. O trabalho do historiador, particularmente, é um ato de crítica. Lendo, pensando, selecionando e escolhendo fontes, escrevendo, ele estará sempre avaliando a evidência num processo contínuo e útil de produção historiográfica.

Referências Bibliográficas

CAUGHEY, John. **Results of a Billion Recently Published. American History and Biography.** Mississippi Valley Historical Review, 1952.

HANDLIN, Oscar. **A Verdade na História.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, S/D.

MORIN, Edgard. **Cultura de Massa no Século XX.** Rio de Janeiro: Ed. Brasileira O espírito do Tempo, 1972.

TASTA, Axetos. **Penseur de La Techniqué.** Ed. de Mineut, 1961.